

7

PROFESSORES, ALUNOS E A TECNOLOGIA NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Miriam Galvan Pereira
Mestranda em Artes
(Universidade Estadual do Paraná)
E-mail: miriamgalvan820@gmail.com

Resumo:

Este artigo discutirá a estreita relação entre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem e a tecnologia na escola em tempos de pandemia, através da observação de alunos do ensino público do Estado do Paraná, estudantes da escola Estadual Santa Rosa, na Cidade de Curitiba. A Secretaria da Educação do Paraná entendeu que essa relação ficou prejudicada com o fechamento das escolas por um período tão longo e por isso autorizou a reabertura das escolas, na modalidade hibrida, mesmo que, os alunos que mais necessitavam desse retorno, não tenham voltado às salas de aula. Esse artigo relacionará ao tema, obras de dois autores fundamentais, que discutem as transformações sociais e tecnológicas pelas quais o mundo está passando: Modernidade Líquida, de Bauman (2001) e Cibercultura, de Pierry Levy(1999).

Palavras-chaves: Educação a Distência. Tecnologia. Afetividade.

Abstract:

This article will discuss the close relationship between affectivity in the teaching-learning process and technology at school in times of pandemic, through the observation of public school students in the State of Paraná, students from the Santa Rosa State School, in the City of Curitiba. The Paraná Department of Education understood that this relationship was extremely harmed with the closing of schools for such a long period and therefore authorized the reopening of schools, in the hybrid mode, even if the students who most needed this return did not have returned to classrooms. This article will relate to the theme two important authors who discuss the social and technological transformations the world is going through: Liquid Modernity, by Bauman and Cyberculture, by Pierry Levy.

Key-words: Education; Technology; Affectivity.

INTRODUÇÃO

Em tempos de pandemia, mudanças significativas ocorreram nas casas e na vida dos estudantes. As escolas fecharam, de uma hora para a outra, devido à necessidade de as autoridades sanitárias estabelecerem os protocolos para o enfrentamento desse caos. Com isso, estudantes do Brasil inteiro precisaram se adaptar às novidades. Apenas os estudantes, não! A escola, professores, funcionários e até mesmo as Secretarias de Educação dos estados tiveram um grande trabalho para colocar as escolas em contato com os alunos novamente.

Para isso, contaram com a tecnologia, que também precisou ser "conhecida" pelos profissionais (professores, funcionários e equipe diretiva). Por isso, a grande preocupação com o tempo longo de fechamento das escolas por conta da pandemia de Covid-19. Pelo fato de uma grande parte dos alunos não terem acesso à internet ou televisão e por isso, não estarem acompanhando as aulas *on-line* ou televisionada, eles passaram a ocupar seu tempo com outras tarefas, inclusive impostas pelas necessidades das próprias famílias.

Assim, este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre esse momento na educação: como o fechamento das escolas, o uso da tecnologia nas aulas e as relações quebradas de afetividade dificultaram o processo de ensino-aprendizagem 2020/2021. Como base, buscou-se relacionar dois autores importantes que falam sobre as transformações sociais e as tecnológicas pelas quais o mundo está passando, como Bauman (2001) e Pierry Levy (1999).

REFLEXOS DA PANDEMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM

De uma hora para a outra os professores e alunos ficaram em suas casas, sem poder frequentar a escola e outros espaços educacio-

nais. Era a pandemia de Coronavírus, que se alastrou pelo mundo, trazendo insegurança, dor e morte.

Em 18 de março de 2020, as escolas do Estado do Paraná receberam a notificação da Secretaria do Estado da Educação – SEED, informando a suspensão das aulas no Estado por tempo indeterminado. Foram momentos de susto, medo e insegurança, porém todos sabiam que naquele momento era necessário para que as autoridades sanitárias pudessem avaliar quais medidas seriam mais adequadas.

Acontece que a escola é um ambiente muito mais que apenas onde os alunos vão para "adquirir conhecimentos". Escola é um ambiente que deve garantir o aprendizado de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo, sendo necessário que a escola propicie o domínio de conteúdos culturais básicos da leitura, da escrita, da ciência, das artes e das letras. Sem tais aprendizagens o aluno, dificilmente, poderá exercer seu direito à cidadania.

É também na escola que o aluno desenvolve as suas potencialidades físicas, cognitivas e afetivas, capacitando-o a tornar-se um cidadão participativo na sociedade em que vive.

A modernidade líquida, a qual se refere Bauman (2001), parte do pressuposto de que, no passado, tudo era sólido. Por exemplo: uma família tinha pai, mãe e filhos. Hoje, o mundo está mais líquido, ou pelo menos, os conceitos, mais frouxos. Então, tomando o exemplo, as famílias líquidas foram vistas com a mesma naturalidade. Atualmente, solteiros que moram juntos podem ser considerados uma família. De acordo com Bauman (2021), não são apenas as famílias que estão líquidas, mas o mundo. O autor critica o consumismo exacerbado, diz que a fluidez também tornou mais flexíveis valores importantes, como as relações humanas, o amor e o comprometimento e, por isso, defende que os valores devem ser sólidos.

Com a fluidez moderna, o tempo e o espaço pedem pessoas com habilidades de realizar muitas atividades ao mesmo tempo, no mesmo ambiente, com agilidade e sem perda de tempo. Bauman (2001) coloca o indivíduo como regente daquilo que quer e também fala sobre os indivíduos que se culpam por todos os seus fracassos e aqueles que tomam o controle de suas vidas e alcançam o destino desejado.

Também retrata a mudança da sociedade sólida para a líquida. A ideia de que algo pode preencher/se adaptar aos meios, com a mesma facilidade com que se esvai deste local e assim tomar/adquirir outra forma. Ao contrário da solidez, que não consegue se adaptar em um espaço que não seja igual à sua forma. As formas de poder na sociedade estão sendo realocadas e redistribuídas e os objetos duráveis tomam conta, ou seja, a durabilidade já não tem mais o mesmo valor. Aqui, deparamo-nos com moldes diferentes e valores invertidos.

Mudanças trazem valores e modelos diferentes para a sociedade. Por isso, o nível de fluidez vai determinar sua introdução na sociedade, nos meios, nos grupos e tribos, sendo esta a sua maior arma na conquista do espaço. A sociedade moderna impõe a mudança do sólido para o líquido.

Bauman (2001) afirma que o sujeito deve se "emancipar" da sociedade para poder ser ele mesmo e, com isso, movimentar-se livremente por ela, ou seja, "tomar seu estado líquido".

Porém, essa liberdade traz consequências. Fazer o que se quer livremente requer ter responsabilidade sobre seus atos. Mas nem sempre essa responsabilidade será um problema, porque as pessoas pagam "o preço" por aquilo que mais desejam.

No contexto do capítulo Tempo/Espaço, Bauman analisa as sociedades, por ser onde o indivíduo irá praticar sua civilidade. Com a fluidez moderna, o tempo e o espaço pedem pessoas com habilidade de realizar muitas atividades ao mesmo tempo, no mesmo ambiente, com agilidade e sem perda de tempo. Bauman coloca o indivíduo como regente daquilo que quer e também fala sobre os indivíduos que se culpam por todos os seus fracassos e aqueles que tomam o controle de suas vidas e alcançam o destino desejado.

E foi neste ponto que a pandemia causou maior impacto. O isolamento social, necessário até hoje, trouxe uma realidade que ninguém imaginava. Professores e escolas precisaram repensar a forma de atender seus estudantes e que também aproximasse os alunos e seus professores, mostrando-se eficaz na continuidade do aprendizado.

Aqui vale dizer que a maioria dos professores não conhecia/entendia o que era o audiovisual e a importância do uso de tecnologias. Que choque para todos! Mesmo alunos, tão acostumados às "tecnologias" na escola, ou em suas vidas, perceberam que era um pouco mais que acessar redes sociais, por exemplo.

Neste momento, percebeu-se a precariedade do acesso às tecnologias. Muitos alunos e professores também encontraram muitas barreiras para o acesso às tecnologias em suas casas, que vão desde acesso à internet até conhecimentos mínimos para acessar as plataformas que passaram a fazer parte do dia a dia de estudantes e professores. Os primeiros momentos, um caos generalizado. As tecnologias invadiram a vida das pessoas e estão servindo como suporte, como instrumentos dessas informações, tornando-se indispensáveis e cada vez mais incorporadas às práticas pedagógicas e ao cotidiano da escola.

Em seu texto "Admirável mundo cíbrido", Gisele Beiguelman (2014) nos apresenta a ideia da conexão do corpo humano com as tecnologias. O cibridismo, termo utilizado por Beiguelman, representa a sociedade atual, a ligação entre o mundo ON e OFF. Representa a interação diária com as mídias, com a tecnologia, o estar conectado em todos os instantes do dia. É também a interação diária que existe com as mídias, a conexão em todos os instantes do dia: redes sociais, bancos, trabalho em casa (home office), compras online, verificar o tempo antes de sair, utilizar o GPS para encontrar o melhor caminho. E o mais engraçado é que a maioria das pessoas não se dá conta disso até parar para pensar sobre.

A autora abre uma discussão sobre o que se precisa "ler", seja no impresso ou na tela, e que essa leitura não deve ser superficial:

> Trata-se do fenômeno intrinsicamente ligado a uma leitura-comunicado do/em trânsito. Um texto que só se dá a ler enquanto estiver transmitido entre computadores, rolando, "ripado", entre interfaces diversas que se emulam umas às outras. O uso (popular) dos dispositivos portáteis fez com que o corpo humano se tornasse um conjunto "de extensões ligados a um mundo cíbrido, pautada pela interconexão de redes e sistemas ON e OFF line. (GEIGUELMAN, 2020 p.1).

Longe das escolas começa o processo de busca pela melhor forma de atender alunos que também não têm acesso às tecnologias que até então supunha-se que tivessem. Um primeiro levantamento, realizado através de dados arquivados pela coordenação e direção, mostrou que na escola citada, apenas 15% dos alunos tinham acesso a equipamentos e internet, necessários para a realização das aulas on-line. O governo disponibilizou acesso às aulas também pelos canais de televisão, porém nem todos possuíam televisão em suas casas.

Em seu texto "La classe em pantuflas", Inés Dussel afirma que a pandemia não é um bom momento para alargar as desigualdades, por isso compreender o universo do aluno faz uma grande diferença na produção do conhecimento. Neste momento, o professor está distante do seu aluno, e que o mesmo necessita não só da proximidade, mas da afetividade para aprender. Momento em que todos precisaram aprender a usar as tecnologias, que antes eram consideradas impessoais e que agora aproximam, unem, possibilitam interação. Redescobrir a importância do contato professor/aluno, contato esse que efetiva a aprendizagem, inclusive de vida:

> Você aprende muito e nós aprendemos muito. É um momento muito especial na humanidade, espero que aprendamos melhor, que aprendamos mais, que saiamos melhor. Eu tenho esse otimismo e me parece que existem alguns motivos para estar otimista, há muita solidariedade, há muito compromisso, temos que contar com isso. (DUSSEL, 2020, p.12)

A pandemia alertou sobre o que fala Levy (1999), em sua obra "A cibercultura". Esse conceito é baseado na conectividade, hipertextualidade e interatividade. As manifestações são compartilhadas no ciberespaço, sendo acessíveis em qualquer lugar do mundo físico, sendo comum as pessoas colaborarem entre si para modificarem ou atualizarem os conteúdos da cibercultura. Ela é constituída por indivíduos de todo o mundo. Apesar dessa aparente inclusão, estabelece vários obstáculos que nem todos os sujeitos conseguem superar: requer conhecimentos e meios técnicos. Um homem que não tem acesso a computadores ou celulares, ou que não sabe usá-los, não pode

ser um ator ativo da cibercultura. Sites, redes sociais, jogos em rede e televisão são algumas de suas manifestações.

Pierre Levy conceitua a cibercultura como um "conjunto de técnicas, de práticas, de atividades, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem justamente com o crescimento do ciberespaço" (LEVY, 1999, p. 17).

A pandemia de COVID-19 acentuou o que o conceito já tinha apresentado: a propagação da informação de forma desenfreada. Na introdução dessa obra, Lévy usa uma metáfora do dilúvio para demonstrar tal afirmação. Um dilúvio informacional que nunca cessará. Leva em consideração a interatividade na comunicação em relação à mensagem, abordando o ciberespaço. Essa obra considera as profundas mudanças culturais que ocorrem a partir da familiarização e do uso das novas formas de comunicação da informática e seus impactos na sociedade atual.

Aqui também começa a saga de estudar sozinho. Quantas pessoas têm esse domínio? Organizar-se com horários, material, sentar diante da televisão ou computador e assistir as aulas propostas, sem nenhum acompanhamento. Os estudantes da escola citada, precisavam vencer todos estes entraves, uma vez que, a grande maioria, ficava sozinho em casa, cuidava de irmãos mais novos, dos afazeres domésticos como: limpeza, alimentação, etc. Esses estudantes ficam sozinhos em casa porque seus responsáveis trabalham em funções que não pararam durante a pandemia, inclusive no período noturno.

Dussel (2020), no texto já citado, nos leva a refletir e procura descrever e entender um pouco desse cenário que se instaurou no mundo e que trouxe mudanças tão radicais ao ensino: a pandemia, escolas fechadas, a mudança na forma de trabalho dos professores e de estudos para os alunos e na condição da aprendizagem. Tais fatores trouxeram à tona ou apenas evidenciaram a desigualdade entre os alunos. Existem aqueles que têm computador, notebook, internet, casa, TV, comida, etc e aqueles que até o alimento passou a ser um desafio diário. Em outra instância, observou-se que grande parte das famílias não possuem uma estrutura adequada para manter e atender o aluno em casa, estudando.

Esta autora discute três eixos em seu texto:

a) tempo e espaço da escola.

b) conteúdos escolares.

c) uso das tecnologias.

O primeiro eixo nos traz a percepção de que o espaço, os prédios físicos das escolas, são abrigos para os alunos. Em muitos casos, o único lugar "seguro" para essa criança. Assim como o tempo, o pouco tempo de qualidade que ele possui. Na escola, ele terá o tempo da aprendizagem, o tempo de acolhimento do seu dia. No início do texto, Dussel (2020) procura explicar o título (que irá acompanhar todo o desenrolar do texto), o fato de os professores estarem em suas casas, trabalhando remotamente por meio de seus computadores e por, com certeza, trabalharem de chinelos/pantufas, à vontade. Brincadeiras à parte, coloca-se uma roupa "ajeitadinha" da cintura para cima, arruma-se os cabelos e alguma maquiagem para aparecer na tela, mas abaixo das mesas de seus escritórios estão as "pantufas". O texto afirma que o ensino-aprendizagem, em tempos de pandemia, deveria seguir essa tendência. A leveza no ensinar e a leveza no aprender: a inclusão de métodos que possam ajudar o aluno a entender não só conteúdos, mas também suas emoções, necessidades específicas, porque a vida não gira em torno de conteúdos e a qualidade de vida dos estudantes, neste período, deve ser levada em consideração, a forma como se apresenta atividades aos alunos e a qualidade de como isso é realizado é discutida no texto. Brincar, escutar, conversar, trazer conforto para o aluno pode ser mais importante que qualquer outra coisa neste momento. Sobre isso, a autora diz:

Mas o limite não é apenas o da capacidade das plataformas, mas também o da atenção, que é grande questão pedagógica. Quem consegue ficar em uma reunião de *jitsi* ou *hangouts* três horas seguidas, com tanta demanda incessante? Acredito que esse confinamento torna visíveis os problemas da nova economia da atenção (atenção como mercadoria, como bem comercializável: vendem segundos ou minutos de nossa atenção em anúncios na internet) que a todo o tempo envia estímulos para nos capturar por muito tempo e que gera uma atenção flutuante, sempre disponível para a nova interrupção.

Pense nos esforços que a indústria de videogames faz (quero dizer, as centenas de milhões de dólares que gastam produzindo VJs) para chamar a atenção por um longo tempo; e faz sucesso por ser uma estrutura muito atrativa, mas em geral repetitiva, mecânica, que envolve diversos afetos (basicamente a competição). Meu ponto de vista é, nesta nova economia da atenção, é difícil se concentrar em qualquer coisa. Esse na escola se concentrar no ateliê já era difícil, no doméstico é muito mais (DUSSEL, 2020, p. 4).

Por isso, Dussel (2020) questiona, no segundo eixo, a necessidade de "adequar" conteúdo neste momento pandêmico. Conteúdos são necessários, porém também se faz necessário o aluno sentir-se acolhido pela "escola", neste caso, na figura de seu professor quando este é o seu contato direto em aulas on-line. Também fala sobre a necessidade de acolhimento e orientação das famílias. Assim como os alunos, muitas famílias perderam seu "foco": pais perderam seus empregos e com isso viram seus lares se dissipando. O adulto também demonstrou sua fragilidade diante dessas perdas com a pandemia, sem falar no alto nível de violência doméstica que acometeram crianças e mulheres. A adequação proposta por Dussel (2020) é que o professor tenha um olhar atento, afetivo para o aluno, procurar conhecê-lo, perceber suas fragilidades, conectar-se emocionalmente a ele.

Explora a ideia de que cada estudante aprende no seu tempo e que agora é um momento de calma, de ir mais devagar. Quando o professor consegue estabelecer esse ritmo com o aluno, temos uma substancial melhora no ensino-aprendizado. Segundo a autora, é um momento de autocuidado, de ter um olhar diferente sobre o outro, no caso, o aluno. Também sobre os professores e sobre a família, porque todos fazem parte do processo educacional e a sincronicidade entre escola/professor/família/aluno é essencial para que o processo valha à pena. Bauman (2001) reflete:

> Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas.

Isso é o que está sendo proposto pelo governo do estado do Paraná, com a retomada das aulas presenciais, em 21 de julho de 2021. Muitos alunos estão fora da escola literalmente por não terem acesso às aulas *on-line*, bem como por não terem acesso às aulas na televisão. A ideia é trazer inicialmente à escola, os alunos que não têm nenhum tipo de acesso às aulas e com isso, gradativamente, fazer o resgate dos mesmos, por meio da reestruturação desses ao sistema de ensino. A justificativa é de que esses alunos terão perdas consideráveis e não apenas de conteúdos, mas emocionais e afetivos.

Se a escola é um ambiente que deve garantir o aprendizado de conteúdos básicos do conhecimento formal, assim como valores, habilidades que tornem o indivíduo capaz de socializar, e que ainda garanta ao estudante o domínio da escrita, do básico de leitura, artes, ciência, as quais o aluno dificilmente exercerá seu pleno direito à cidadania., entende-se que esses estudantes estão definitivamente acumulando prejuízos educacionais e sócio afetivos ao longo da pandemia. Por isso, o Estado entende que é urgente a necessidade de reabrir as escolas para que se amenize esses prejuízos.

Porém, a escola se deparou com o fato de que as famílias e os alunos não querem retornar às aulas presenciais. Em alguns casos, as famílias não querem que o aluno volte, em outros o próprio aluno não quer. E esses não possuem acesso aos conteúdos on-line ou pela TV. Dessa maneira, nesse primeiro momento, observou-se que a escola recebeu 90% de alunos que já tinham acesso on-line e 10% de alunos que realmente precisavam retornar por conta de conteúdos e interação social.

Segundo dados do ano letivo de 2021, fornecidos pela Direção da escola, retidos do BI (sistema de controle de frequência, conteúdos e aprendizagem em geral da SEED - Secretaria de Educação do Estado do Paraná), a escola tinha 1227 matrículas ativas no ensino regular, sendo 798 alunos matriculados no ensino fundamental (6 ao 9 ano) e 429.

Com o retorno em julho, o número de alunos permitido era ⅓ de cada sala para manter o distanciamento limite imposto pela resolução, ou seja, em média de 10 a 13 alunos, conforme o tamanho de

cada sala. Inicialmente os convocados ao retorno eram aqueles que não tinham acesso às plataformas digitais. Porém, com a justificativa da pandemia, muitos pais não mandaram os filhos para a escola. Isso fez com que tivéssemos em cada sala uma média de 6 ou 8 alunos. Em algumas turmas teve dias de termos apenas 4 alunos.

Por isso, foram sendo convocados outros estudantes, mesmo os que já tinham participação nas *meets*, que são as aulas onlines, e nas atividades via *Google Classroom* , ferramenta utilizada pela SEED para aplicação de atividades aos estudantes à distância. Cerca de 30% do total de matriculados não retornaram e não tínhamos justificativa para o não retorno. Então, foram enviadas cartas para as casas, convocando as famílias para comparecerem e justificar. Pois, caso isso não acontecesse, seriam encaminhados ao Conselho Tutelar.

Em setembro, foram convocados todos os estudantes a participar das aulas presenciais, porém cerca de 20% ainda resistiam com a justificativa do momento pandêmico e ainda preferiram ficar com aulas online, via meet. Cerca de 3% do total trouxe atestado de alguma comorbidade e ficou no ensino remoto, mesmo os que não tinham acesso às plataformas fizeram atividade impressa.

Retomando a fala de Inés Dussel (2020), tal tentativa de retornar às aulas para reintegrar esses alunos ao meio educacional tornou-se frustrada. A ideia proposta de alimentar a proximidade em tempos tão difíceis de pandemia, de educar as nossas emoções e a emoções dos alunos, fracassa diante dessas situações atípicas.

Incluímos, aqui, também, a fala/discurso de Sandra Duarte Tavares (2020), sobre a escuta ativa. Professora pesquisadora portuguesa, em seu texto *Fale menos. Ouça mais*, afirma que nunca seremos bons comunicadores, se não formos bons ouvintes. Ouvintes atentos, que escutam não só com os ouvidos, mas com olhos, com o sorriso, com a alma. Genuinamente interessados no outro.

A autora afirma que vivemos em um mundo repleto de ruídos e que, muitas vezes, o ser humano precisa de silêncio para escutar o outro. Uma pessoa que não se sente ouvida, jamais será alguém feliz, porque não se sente respeitada no nobre princípio: ouvir pacientemente o outro. Isso porque, a escuta ativa é uma escuta emocional,

que traz o objetivo de compreender o ponto de vista do outro, "calçar os seus sapatos". Foi isso que a pandemia cortou: esse elo entre escola/professor/aluno/família. Por esse motivo, muitos alunos, apesar de não terem condições de permanecer em casa, sem qualquer tipo de acesso à educação formal, preferem lá permanecer. O que assusta, é o desinteresse. A prostração é tamanha que não houve o retorno esperado pelo Governo ou mesmo pelas escolas. O aluno não respondeu positivamente, porque aos seus olhos, a escola tornou-se distante.

Essa resposta negativa dos alunos ao retorno à escola é preocupante, pois entende-se que essa seria a melhor forma de atenuar os prejuízos trazidos pelos meses sem contato. A maioria preferiu não retornar às aulas presenciais e, se houvesse um retorno total ao ambiente escolar, não voltariam. Alguns preencheram esse espaço com trabalho, outros simplesmente não têm interesse em retornar por falta de ânimo mesmo. Foi uma escolha.

Em "Modernidade Líquida", Bauman (2001) explicita a necessidade de se querer 'libertar de certas amarras", amarras que estes estudantes demonstraram interesse em se libertar. A educação deixou de ser prioridade para esses alunos.

Para simplificar: poucas pessoas desejavam ser libertadas, menos ainda estavam dispostas a agir para isso, e virtualmente ninguém tinha certeza de como a "libertação da sociedade" poderia distinguir-se do Estado em que se encontrava. "Liberta-se" significa literalmente libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a sentir-se livre para se mover ou agir. "Sentir-se livre" significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis (BAUMAN, 2020, p. 23).

Tavares (2020) diz que é necessário praticar a escuta ativa: "Pare, escute e pergunte!" (2021, p. 3). Acredita-se que esse momento escola e professores precisará, mais do que nunca, da prática dessas três etapas. Começando com os alunos que se prontificaram a retornar, que poderão auxiliar a que outros retornem. Esses estudantes necessitam se sentir acolhidos, compreendidos, ações necessárias para que queiram estar aqui, porque o mundo está dando a eles ou-

tras opções, mesmo que em pouco tempo percebam que essas opções não foram as melhores.

O sociólogo Edgar Morin, em entrevista a Audrey Furlaneto (2021), diz que o papel da educação atualmente é ajudar os alunos a enfrentar problemas da vida. Realmente, esse é um dos papéis essenciais da escola. Os alunos buscam, muitas vezes, neste ambiente, tudo o que lhes falta no âmbito familiar.

Morin (2021) diz, também, que o mundo está imerso na maior crise da civilização, das relações humanas, uma crise de mentalidades, porque a globalização unificou tecnicamente o planeta, mas não fez uma compreensão das culturas. Falta hoje, às pessoas, a consciência de pertencer à espécie humana. "A Educação precisa ensinar essa consciência de pertencimento à Humanidade", diz Morin.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, principalmente decorrente das novas descobertas e inovações tecnológicas, exigem uma reorganização nas atividades escolares, uma educação de qualidade e um professor preparado para enfrentar desafios e propor soluções. O professor não é mais aquele que detém o conhecimento; precisa entender como a aprendizagem acontece e como pode mediá-la. São muitas informações disponíveis, com a finalidade de que os estudantes possam entender essas informações e utilizá-las de forma crítica e em prol da construção de seu conhecimento e necessidades.

Apesar de muitos professores ainda não aceitarem mudar seu modo de "dar" aula, acredita-se que grande parte não faz uso das tecnologias porque não consegue ainda associar esse uso aos conteúdos de sua disciplina, bem como à dinâmica de sala de aula. Contudo, considera-se essa necessidade, pois, conforme afirma Abreu (2009, p.41), "os alunos são mais inquietos, desatentos, menos motivados, enquanto os professores sentem que o modelo de aula costumeiramente usado já não funciona e exige reformulações". Dessa forma e tendo em vista o grande número de alunos que utilizam de aparelhos celulares, notebooks, evidencia-se a importância de estudos

que apontem formas para o uso do recurso tecnológico como contribuição no processo de ensino e de aprendizagem. Esse aspecto, na pandemia, tornou-se algo urgente. A necessidade de (re)adaptar os conteúdos às tecnologias. Observou-se que, mesmo não dominando as tecnologias, os professores passaram a estudar e a se reinventar e, hoje, podem dizer que mudaram sua forma de "dar" aulas, que entendem como funciona a tecnologia e também como utilizá-las para aprimorar o ensino-aprendizagem, afinal o foco é o aluno.

Tempos difíceis, com grandes estratégias formadas. No entanto, para os estudantes, esse tempo afastado da escola trouxe consequências que demorarão a serem superadas e a formação atual do professor não o prepara para uma cultura de uso das tecnologias como meio de produção do conhecimento, dificultando sua utilização e provocando até resistência por parte de alguns que receiam aprendê-las e fazer uso delas.

Ao verificar que um número considerável de famílias e alunos não querem o retorno presencial, mesmo não tendo nenhum tipo de acesso às aulas, sejam televisionadas ou remotas, entende-se duas possíveis situações: a primeira é que as famílias ainda não se sentem seguras enviando seus filhos para as salas de aulas e, segunda, que o aluno "ocupou" o lugar da escola com outras tarefas, inclusive por necessidade das próprias famílias.

O que deixa um grande vácuo é exatamente perceber que, apesar de os professores e profissionais da escola terem realizado todo o possível para que esse aluno não se desvinculasse e nem se sentisse desvinculado do ambiente escolar, educacionalmente e nem afetivamente, esses esforços não obtiveram grande êxito. O fato de muitos alunos não terem acesso às aulas remotas fez com que o vínculo se quebrasse e, por isso, o retorno não foi o que se esperava. Na verdade, a grande maioria dos alunos que retornaram às salas de aulas são alunos que têm acesso remoto e que poderiam assistir às aulas on-line.

Neste caso, o intuito de voltar às salas de aula para que a evasão escolar não aumentasse e que não se perdesse o vínculo com esses alunos que não estavam participando de nenhuma das formas propostas não se concretizou. Os estudantes, que seriam os protagonistas, não retornaram à escola.

Esse processo virou "uma bola de neve". Aparentemente os prejuízos são grandes e não serão recuperados em pouco tempo. Estudos recentes confirmam que a desigualdade educacional, entre ricos e pobres, aumentou com o fechamento das escolas. Segundo pesquisa publicada pelo site UOL, em 30 de outubro de 2020, 67% dos estudantes apresentam dificuldades em se organizar com o estudo a distância. Não conseguem estabelecer uma rotina de estudos, nem acompanhar as aulas *online*.

A pesquisa "Desigualdade educacional durante a pandemia", publicada em dezembro de 2020 por Naercio Menezes Filho, Bruno Kawaoka Komatsu e Vitor Cavalcante, constatou a relação entre o fechamento das escolas e os diferentes impactos educacionais entre os estudantes brasileiros.

Neste estudo, observou-se que alunos de escolas particulares tiveram maior acesso a materiais educativos e a tecnologias durante o período de isolamento, uma vez que a maioria das escolas particulares conseguiu se adaptar com maior rapidez e facilidade ao novo processo de Ensino a Distância em comparação às escolas públicas. As instituições particulares conseguiram oferecer um número maior de oportunidades em atividades e aulas *on-line* para seus alunos, porque estes também contam com acesso às tecnologias: computadores, *notebooks, tablets*, celulares em casa, o que garantiu um maior acesso às aulas remotas. Segundo os pesquisadores, a desigualdade educacional entre alunos irá aumentar para todos os níveis de ensino (fundamental, médio e superior) em decorrência da crise de saúde.

Uma pesquisa do *Jornal da Gazeta do Povo* sobre a desigualdade educacional também entende que a melhoria de condições socioeconômicas entre uma geração e a outra, com certeza se complicará, com o fechamento das escolas; também aumentará desigualdade educacional entre as diferentes regiões do país, isso porque, alguns estados, tiveram limitações maiores que outros na oferta do ensino remoto; e que as próprias deficiências dos sistemas de ensino públicos podem impulsionar a evasão escolar dos estudantes.

Nesse cenário professores e gestão da escola terão uma difícil tarefa pela frente. E não será uma tarefa de um ano, em 2022.

Recuperar essa defasagem que se acentuou com o fechamento das escolas e consequentemente o não retorno dos alunos que mais precisavam ao presencial, será longo e difícil de equiparar. Será necessária uma grande reorganização da escola: currículo, conteúdos, metodologias e também o recuperar a afetividade, elemento que se perdeu com a distância.

Como amenizar os impactos dessa desigualdade que se mostrou de forma tão drástica, deixando a mostra a fragilidade da educação no país? Será necessário um grande esforço coletivo para que se avance na aprendizagem. Neste cenário, será preciso, além de relatar problemas, buscar soluções rápidas e criativas que possam engajar os estudantes.

Um dos focos mais intensos estará na família. Esse processo será muito importante: escola e família precisam estreitar laços. Manter um meio de comunicação para que os familiares passem a sanar dúvidas e possam enxergar na escola o apoio necessário para que possam auxiliar os estudantes a avançar nos estudos. Nesse período, a escola também precisará elogiar o contato com a família, a união de forças e estratégias fará a diferença para a reorganização dos estudos e também da retomada das aulas presenciais e da rotina escolar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida.* Tradução: Plinio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

BEIGUELMAN, Gisele. (2004) *Admirável mundo cíbrid*o. Disponível em: file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/68333-Texto%20do%20artigo-101491-1-10-20140220.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021

DUSSEL, Inés. (2020) *La classe em pantuflas*. Disponível em: http://mampa.isep-cba.edu.ar/repositorio/handle/123456789/479. Acesso em: 10 ago. 2021.

FERNANDES, Fábio Medeiros, CALADO, Lidiane da Costa., SOUZA, Luciano Correia de., SILVA, Leandro Pereira da., DIAS, Radamés Araújo., SANTOS, Wellington dos. *Função social da escola*. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/funcao-social-escola.htm Acesso em: 17 jul. 2021

TAVARES, Sandra Duarte. *Fale menos. Ouça mais. Sobre a importância da escuta ativa na comunicação.* https://visao.sapo.pt/opiniao/bolsa-de-especialistas/2021-02-10-fale-menos-ouca-mais/. Acesso em: 26 de jul. 2021.

MORIN, Edgar. https://www.revistaprosaversoearte.com/resistir-as-incertezas-e-parte-da-educacao-diz-edgar-morin/. Acessado em: 26 julho de 2021.

BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato, CANTINI, Marcos César, ALCANTARA, Paulo Roberto. *O uso das tics nas necessidades educacionais especiais (uma pesquisa no estado do Paraná)*. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/anarita.pdf. Acesso em: 16 ago. 2021.